



XVIII ENANPUR
NATAL 2019
27 a 31 maio

DISTÂNCIA ESPACIAL E ASSIMETRIA SOCIAL: DESLOCAR-SE ENTRE DUQUE DE CAXIAS E RIO DE JANEIRO

Autores:

Pedro Novais - IPPUR/UFRJ - pedrodenovais@gmail.com

Lidiane Matos - IPPUR/UFRJ - lidi.matos90@gmail.com

Viviane Penso - IPPUR/UFRJ - vivianepenso@hotmail.com

Resumo:

Discute-se o lugar do ambiente construído em processos de reprodução social. Na Introdução, apresentam-se os motivos da pesquisa sobre a dimensão espacial das relações sociais na perspectiva do “estruturalismo genético”. Na segunda seção apresenta-se o referencial teórico que pressupõe a correspondência entre as estruturas objetivas do mundo social e as estruturas cognitivas de seus agentes. Este serviu base para um exercício de identificação de oposições em estruturas homólogas. O exercício foi feito por estudantes de Duque de Caxias, em viagem de estudos ao Rio de Janeiro. Após alguns meses, realizou-se na escola a reunião de um grupo focal. As descrições da estratégia metodológica e das coletas de dados empíricos, juntamente com a discussão do material encontrado, constituem a terceira seção. Na conclusão, o confronto entre premissas teóricas e material empírico permite refletir sobre os limites do exercício e sobre a contribuição da literatura de referência para o tema.

DISTÂNCIA ESPACIAL E ASSIMETRIA SOCIAL

DESLOCAR-SE ENTRE DUQUE DE CAXIAS E RIO DE JANEIRO

1. INTRODUÇÃO

Sexta-feira, 8 horas da manhã. Um grupo de alunos da Escola Municipal Barão do Rio Branco, em Duque de Caxias prepara-se para ir ao Rio de Janeiro. A aula de Artes justifica o passeio. Agitação e ansiedade entre os estudantes. Para alguns será a primeira visita ao centro do Rio, cerca de 29 km distante da escola. A maioria já esteve na capital do estado, porém, no final da tarde estarão igualmente encantados. As diferenças entre um local e outro terão sido notadas por todos e explicadas por alguns ao compararem os dois lugares. O texto relata a visita ao Rio de Janeiro com base nas respostas a questionários respondidos pelos estudantes e na reflexão coletiva realizada em um grupo focal que se reuniu alguns meses depois.

A dimensão espacial das relações sociais

Como situar a dimensão espacial nos estudos das desigualdades e relações sociais de dominação? Qual o papel das estruturas espaciais nos processos de reprodução social?

A motivação da pesquisa da qual resultou o texto situa-se no âmbito de estudos sobre a dimensão espacial das relações sociais. No artigo, buscou-se caracterizar a experiência da distância e assimetria socioespaciais vivida por estudantes de 2º segmento do Ensino Fundamental da Escola Municipal Barão do Rio Branco, em Duque de Caxias, município na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Os alunos faziam uma viagem de estudos ao centro da capital.

A pesquisa, porém, é mais ampla: espera produzir entendimento sobre a tradução da experiência do deslocamento espacial/territorial em outros modos de deslocamento - sociais, culturais, morais, comportamentais: os lugares físicos contribuem para confirmar os diferentes lugares na vida social, assim, deslocar-se pela cidade implica, frequentemente, sentir-se deslocado, “fora de lugar”. Não se trata, de determinismo geográfico, isto é, das condições objetivas de cada lugar, consideradas isoladamente, mas da confirmação e atualização das desigualdades sociais, que as diferenças entre os lugares permitem asseverar quando esses são percebidos relacionalmente.



Relatos coletados no campo permitirão identificar categorias de percepção e juízo acionadas na experiência do deslocamento espacial e situar sentimentos de identidade, pertencimento, inadequação, estranhamento, indiferença e alheamento, além de sonhos, perspectivas, imaginários, frustrações, sofrimentos, dificuldades e constrangimentos associadas às áreas periféricas de uma metrópole acentuadamente desigual.

A estrutura do texto

O artigo está organizado em quatro seções, nelas incluída a presente Introdução. Na segunda seção é feita uma revisão da literatura para recuperar os argumentos do referencial teórico que pressupõe a correspondência entre estruturas objetivas do mundo social e estruturas cognitivas de seus agentes. Tal perspectiva foi tomada como base para a elaboração de um exercício que permitisse evidenciar a correspondência entre o uso da língua, expresso nos adjetivos empregados, e as diferenças entre lugares. O propósito foi de identificar as formas explícitas da relação entre as diferentes manifestações estruturais. O exercício foi apresentado a um grupo de estudantes de escola municipal em Duque de Caxias, município da periferia da região metropolitana em viagem de estudos à cidade do Rio de Janeiro. Após alguns meses, realizou-se na escola um grupo focal exploratório, com um roteiro aberto e pouco estruturado. A descrição e justificativa da proposta metodológica, bem como das duas atividades elaboradas para a coleta de dados empíricos, constituem a terceira seção do texto. Na conclusão, quarta e última seção do artigo, aproveita-se do confronto entre premissas teóricas e material empírico para refletir sobre os limites do exercício realizado e sobre a contribuição da literatura de referência para os estudos do planejamento e do território.

2. O ESPAÇO SOCIAL REIFICADO

2.1. A realidade social na perspectiva do estruturalismo genético

Para instruir a reflexão sobre a dimensão espacial das relações sociais e o lugar do espaço construído nos processos de reprodução social, a imagem do universo social que sustenta a postura do estruturalismo genético e as investigações da “sociologia crítica da dominação” pode ser sintetizada em 6 pontos, a seguir desenvolvidos.

i) O universo é estruturado

Primeiramente, a ideia de que o universo social é caracterizado por “estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas ou representações” (BOURDIEU, 1990, p.149). A estrutura global desse macrocosmo resulta das condições concretas que diferenciam os agentes



(recursos materiais e possibilidades de sua apropriação) e afetam as circunstâncias e possibilidades individuais de interação. A estruturação também se dá por sistemas de classificação e disposições mentais e corporais que balizam as ações de indivíduos e grupos e dão sentido às condições objetivas e às posições sociais em que se encontram (BOURDIEU & WACQUANT, 1992, p. 7-11). Em síntese, o universo social é estruturado em termos de relações de poder e de sentido entre grupos e classes. A relação entre as duas ordens de estruturas (objetivas e subjetivas) é dialética: as subjetividades tem fundamentos objetivos, mas representações também têm papel estruturante na realidade objetiva (LEBARON, 2000, p.65; BOURDIEU, 2009, p.234).

ii) Há correspondência entre estruturas sociais e estruturas mentais

Um segundo argumento da sociologia crítica, é que “existe uma correspondência entre as estruturas sociais e as estruturas mentais, entre as divisões objetivas do mundo social [...] e os princípios de visão e divisão que os agentes empregam [para conhecer e agir] sobre esse mundo (BOURDIEU, 1989, p.7, traduzido). Verifica-se tal correspondência nas descontinuidades estabelecidas no continuum social (são essas que dão sentido e ordem ao real, por natureza, indeterminado). Em outras palavras, as divisões encontradas no continuum socioespacial são correlacionadas aos princípios de visão e divisão que orientam as práticas sociais (BOURDIEU, 1989, p.7, traduzido).

Como resultado dos condicionamentos aos quais se está exposto em processos de socialização, as estruturas objetivas do mundo social são incorporadas na forma de disposições (BOURDIEU, 2009, p. 87; WACQUANT, p.214). A sintonia entre uma e outra dimensões estruturais (“homologia estrutural”) desdobra-se em uma “cumplicidade ontológica” ou vínculo “de posseção mútua”, que se estabelece em um nível pré-reflexivo, entre os agentes e o mundo social: o aparato de percepção se confirma e se autoriza quando reconhece as estruturas que estão na origem de sua própria estruturação. Nessas condições em que tudo parece familiar e evidente, a adesão ao mundo social é imediata, irrefletida. A ordem vigente é naturalizada, crenças e prática postas em ação contribuem para a sua conservação e, assim, para a manutenção das posições dominantes na sociedade (BOURDIEU, 1996b, p. 143-144; BOURDIEU & WACQUANT, 1992, p. 20; PINTO, 2017, p.158).

iii) O universo social caracteriza-se pela diferenciação em campos

Em terceiro lugar, a identificação do processo de crescente diferenciação que caracteriza o universo social contemporâneo pela coexistência de microcosmos relativamente autônomos - os “campos” - que operam segundo regras próprias. A estrutura dos campos se manifesta no conjunto de posições que o constituem e que se referem à distribuição de capital . Um campo supõe uma dada correlação de forças, de modo que sempre funcionará como um “campo de forças”- objeto de uma permanente disputa por reestruturação -, mas também como um “campo de lutas para conservar ou transformar o campo de forças” (BOURDIEU, 2001b, p.69) .

Cada campo supõe um modo específico de construir a realidade: a institucionalização de uma visão, e respectivas divisões do mundo, que se desdobram do ajustamento do habitus ao campo, ou seja, de “uma crença pré-reflexiva no valor indiscutível dos

instrumentos de construção e dos objetos assim construídos” (BOURDIEU, 2001a, p.121) e, frequentemente, da existência de formuladores de crenças, de bens culturais ou de “guardiões da ordem simbólica”, que buscam restaurar certezas ou ancorá-las no rigor e na evidência (PINTO, 2017, p.158).

iv) A fabricação de grupos sociais se faz na dimensão simbólica

Classes, em Bourdieu, são lidas da mesma maneira que os campos, ou seja, como espaços de relações. Embora uma classe possa ser deduzida - teoricamente - da proximidade de posições no espaço social (portanto, interesses, “condições [e...] condicionamentos semelhantes”; BOURDIEU, 1998, p.136), na prática a sua existência implica um grupo mobilizado: “o que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de fazer” (1996b, p.26-27). Como as coisas do mundo social têm sempre um significado relativamente indeterminado, a existência da classe real envolve trabalho de representação - “preenchimento” ou atribuição de sentido aos objetos do mundo social (1998, p.140).

v) A linguagem é instrumento de construção do mundo social

O mundo social, com suas divisões e agrupamentos, resulta, entre outros fatores, da representação que os agentes têm do real. A representação da realidade é “uma construção quase sempre coletiva que se apoia em particular sobre a linguagem” (BOURDIEU, 2015, p.118, traduzido).

Contra a ambiguidade e a “indeterminação objetiva” do real, inicialmente indiviso, a linguagem ordena, “fornece as estruturas estruturantes do mundo social” (2015, p.118, traduzido). Por meio das palavras introduz discontinuidades, afetando a percepção da realidade:

“Essa discontinuidade se impõe imediatamente, pois tem a ordem social a seu lado, porque pode ser publicada, exibida, declarada, manifesta e, ao mesmo tempo, as previsões orientadas por essa classificação são confirmadas, ao menos, pelos outros membros do grupo. Uma visão do mundo é um sistema de esquemas de previsão que, sendo compartilhados por todos, se tornam verdadeiros, validados” (2015, p.119, traduzido).

O efeito é partilhado (BOURDIEU, 2015, p.119), pois “os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social” (BOURDIEU, 1998, p.10).

As classificações empregadas para pensar o mundo social são o produto da incorporação de estruturas objetivas do mundo social. Oposições objetivas na estrutura social (relacionadas à distribuição de capital) são incorporadas sob “uma forma ligeiramente

transformada nas consciências dos agentes que pensam essas estruturas sociais” (2015, p.386, traduzido).

As classificações, em especial as classificações dualistas (alto/baixo, dentro/fora, entre outros), expressas em pares de adjetivos, são instrumentos de ordenação do mundo social e de sua identificação com uma ordem determinada: “são uma forma transformada de oposições objetivas desse mundo, dessa ordem” (2015, p.386, traduzido).

A ordem social, de fato, depende do acordo entre uma estrutura e outra. Explicação para ao ajustamento [automático]: O fato de funcionarem no estado incorporado como um princípio estruturante, ao mesmo tempo que estão na realidade objetiva, é responsável por um dos efeitos fundamentais do ajuste das estruturas objetivas às estruturas incorporadas, isto é, da experiência da obviedade e do natural (BOURDIEU, 2015, p.386, traduzido). Referindo-se ao campo artístico e ao científico, Bourdieu observa que, em termos lógicos, tais sistemas de oposição (“sistemas de adjetivos”) são “frágeis”, “pobres” e tendem a ser “circulares” quando destacam as oposições. No entanto em termos sócio-lógicos oposições são fortes, têm aceitação social. Sua força que se apoia na concordância entre estruturas mentais e estruturas objetivas; ancoram-se em crenças coletivas profundamente enraizadas (BOURDIEU, 2015, p.387, traduzido).

“Se as relações de força objectivas tendem a reproduzir-se nas visões do mundo social que contribuem para a permanência dessas relações, é porque os princípios estruturantes da visão do mundo radicam nas estruturas objectivas do mundo social e porque as relações de força estão sempre presentes nas consciências em forma de categorias de percepção dessas relações.” (BOURDIEU, 1998, p.142)

vi) A realidade social supõe as lutas de representações: o poder simbólico

A percepção do mundo social resulta de “lutas simbólicas anteriores” e responde ao “estado das relações de força simbólicas”, sendo estruturada pela concentração desigual de capitais (autoridade) de onde se originam as representações em disputa e pelos esquemas de percepção incorporados e os sedimentados na linguagem (BOURDIEU, 1998, p.139-140). A existência da classe real também implica luta simbólica para produzir e impor a visão legítima do mundo, para que seja percebida como classe.

Assim, em último lugar, pode-se afirmar que os sistemas simbólicos são os meios pelos quais se realiza o “poder simbólico”, poder de construção da realidade e de seu sentido (BOURDIEU, 1998, p.9), de (re)ordenamento dos modos de conhecer: “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo” (p.14). As produções simbólicas cumprem funções políticas relacionadas a interesses de classe. A cultura dominante serve para unificar a classe dominante e permitir a comunicação entre os seus membros, enquanto desmobiliza as classes dominadas graças à “integração fictícia [que realiza] da sociedade no seu conjunto”. Ela também legitima a ordem estabelecida - e assim a dominação e exploração de uma classe sobre outra - criando ou legitimando distinções ou

hierarquias, naturalizando-as ao funcionar simultaneamente para a união (via comunicação) e a separação (via distinção; p.10-11). A relevância dos sistemas simbólicos nos processos de reprodução e dominação social reside no fato de que as relações de força se exprimem de um modo eufemizado - como relações de sentido - deslocando, legitimando e naturalizando sistemas políticos essencialmente arbitrários (1998, p.13-14) .

Em suma, a distribuição de capital é o fundamento da ordem estabelecida, a qual tem maiores condições de continuidade pelo efeito simbólico que exerce ao ser manifesta pública e oficialmente, sendo, assim, conhecida e reconhecida (o que implica desconhecimento de sua arbitrariedade; BOURDIEU, 2009, p.227). As relações simbólicas contribuem para o desconhecimento quanto à essência das relações de classe - são relações de dominação e exploração. Quando as relações entre classes são apreendidas no quadro de um esquema de percepção explicitamente sintonizado com as estruturas objetivas do mundo social, ao mesmo tempo delas deslocados, as estruturas objetivas do mundo social parecem legítimas e as diferenças arbitrárias e emergem como "sinais de distinção" (BOURDIEU, 2009, p.228).

2.2. O ambiente construído na sociologia crítica da dominação

A sociologia "bourdieusiana" é, primeiramente, uma topologia social (BOURDIEU, 1996b, p.133) . Quanto ao espaço geográfico, o autor argumenta que o senso comum tende a reificar os lugares, buscando essências que possam explicá-los. Tomando como referência os lugares problemáticos, Bourdieu argumenta que suas razões encontram-se em outro lugar. O pensamento substancialista, que toma os lugares como realidades independentes, deve levar em conta que "o essencial que se vive e vê no campo [...] encontra seus princípios completamente em outro lugar"(BOURDIEU, 1997, p.159). Esse lugar encontra-se em uma outra dimensão, a do espaço social. O autor constrói logicamente a relação entre espaço geográfico e espaço social.

Contra o pensamento substancialista: "o real é relacional"

Pensar exclusivamente em termos de espaço físico é considerá-lo como um recipiente (abstrato, uniforme, infinito), podendo seus lugares serem pensados em termos absolutos, como pontos ou localizações, mas também, em relação a outros lugares, como posições relativas em uma ordem. Os lugares ainda podem ser pensados em relação aos seus ocupantes: indivíduos/organismos que ocupam uma determinada área ou volume. Por outro lado, pensar em termos de espaço social significa considerar relacionalmente agentes sociais e coisas: os lugares no espaço social são caracterizados tanto por uma posição relativa, considerada uma ordem geral, quanto pelas distâncias que guardam entre si. O espaço social consiste, portanto, na estrutura de posições sociais, sendo estas definidas pela exclusão mútua das partes, isto é, pelo fato de cada posição ser única e definida em uma dinâmica que envolve processos de distinção. 197, p.161; 2001, p.161).

Estruturas homólogas: Correspondência entre oposições no espaço e na ordem simbólica

Hierarquias e oposições manifestas em posições e distâncias no espaço social (BOURDIEU, 1998, p.137), apresentam-se no plano simbólico também em termos de oposições:

“a classificação prática implementa esquemas práticos (alto / baixo, distinto / vulgar, inteligente / fútil, etc.), simples oposições que podem não atingir o nível verbal - embora muitas vezes sejam expressas em forma de pares de adjetivos - mas que, no entanto, funcionam em um estado prático. É sempre subordinada a funções práticas: nunca se classifica pelo prazer de classificar, mas para dar ordem ao mundo” (BOURDIEU, 2015, p.94).

As primeiras oposições configuram a essência da estrutura objetiva do espaço social - relacionada à distribuição de capital -, as últimas representam a base da ordem simbólica e evidenciam os modos de percepção e sistemas de classificação pelos quais o mundo social é construído. Juntas as oposições objetivas que estruturam o espaço social e as oposições que estruturam o juízo, constituem um “sistema de oposições homólogas” (BOURDIEU, 2007, p.16; 1989, p.60), o que faz com que se reforcem mutuamente - confirmando as espécies de capital sobre a qual a dominação se funda. Coexistindo e possuindo similaridades (que evidenciam a correspondência das estruturas), as diferenças relativas entre os dois conjuntos de oposições contribuem para que adquiram sentido de realidades independentes . (BOURDIEU & WACQUANT, 1992, p. 27-29; 50-51; BOURDIEU, 2007; p.16).

O espaço social reificado

O ambiente construído é, por definição, estruturado pelo espaço social do qual é uma expressão simbólica “expontânea” (BOURDIEU, 1997, p.161). Ao tratar do modo como se traduz no território a realidade social, Bourdieu emprega provisoriamente a noção de “espaço físico apropriado” . Este evidencia, de uma forma própria, deformada, as hierarquias e distâncias sociais, e passa a funcionar como estrutura estruturante que reitera as discontinuidades que caracterizam o mundo social. Bourdieu chama de “efeito de naturalização”, o efeito simbólico que decorre das manifestações públicas da ordem social e que afeta a percepção da realidade social e contribui para a sua reprodução.

A explicitação das discontinuidades, isto é, a “inscrição durável das realidades sociais no mundo natural” torna-as conhecidas, permite que sejam reconhecidas e, ainda, que sejam dissimuladas, portanto, desconhecida, a arbitrariedade de sua construção pois as “diferenças produzidas pela lógica histórica podem [, com a publicização,] parecer surgidas da natureza das coisas” (BOURDIEU, 1997, p.160).



O ambiente construído é uma dessas formas de inscrição perene das realidades sociais. Segundo Bourdieu, “em sociedades pouco diferenciadas, é através de toda a organização espacial e temporal da vida social e, especialmente, através de ritos de instituição”, [...] que se instituem nos espíritos (ou nos corpos) os princípios de visão e divisão comuns [...]” (1996b, p.116). Em outro lugar argumenta que “uma parte da inércia das estruturas do espaço social resulta do fato de que elas estão inscritas no espaço físico e que não poderia[m] ser modificadas senão ao preço de um trabalho de transplantação, de uma mudança das coisas e de um desenraizamento ou de uma deportação de pessoas, as quais suporiam transformações sociais extremamente difíceis e custosas” (2009, p.161).

A noção ampliada de institucionalização - “inscrição na realidade dura e durável das coisas ou das instituições (2009, p.233) - implícita nesses trechos conta ou com a capacidade de os dominantes de se imporem, em virtude de monopolizarem as instituições e conseguirem estabelecer e consolidar as suas posições (2009, p.233) e, mais diretamente do Estado, cuja capacidade de estabelecimento e inculcação de princípios de classificação, categorias de percepção e pensamento (1996b, p.116). Nessa linha, o exemplo empregado pelo autor, das “experiências internas do tempo “ estimuladas pelo estabelecimento das férias escolares pode ser estendido à definição de usos, à disposição de infraestrutura, à alocação de recursos públicos, enfim, à processos que implicam a estruturação e a organização do território e, conseqüentemente, às experiências internas do deslocamento.

As assimetrias sociais manifestam-se no espaço social reificado

Sendo a distribuição de capital no campo o fundamento da ordem estabelecida, a retradução do espaço social no espaço físico é percebida na distribuição desigual de capital pelo território. A não uniformidade que caracteriza o mundo social se impõe sobre a realidade objetiva:

“a posição de um agente no espaço social se exprime no lugar do espaço físico no qual está situado” (BOURDIEU, 1997, p.160). Ela também se manifesta nas localizações permanentes (casa e trabalho), temporárias (clubes, lugares honoríficos), ou nas propriedades fundiárias (p.160-161).

O espaço social reificado deve ser lido como o resultado da interação entre a estrutura de distribuição de bens e serviços e a estrutura de distribuição dos agentes sociais capazes de se apropriarem dos primeiros. Dessa interação resultará valorização desuniforme, evidenciada pela coexistência de regiões, algumas das quais exprimindo a concentração de propriedades, positivas (bens raros) e outras evidenciando concentrações negativas (estigma). Outra forma de explicar a concentração de propriedades positivas ou negativas é considerar que determinados espaços sociais objetivados (regiões) resultam da sobreposição de ações referidas a campos distintos (BOURDIEU, 1997, p.160).

Como se pode antecipar, a ocupação de tais regiões nada tem a ver com características locais, mas com a relação - no espaço social - que seus ocupantes guardam

em relação a outros que, em posições inferiores ou superiores respectivamente aos primeiros, ou seja, detendo menor ou maior volume de capital, ocupam outras regiões. Portanto, a estrutura da distribuição de capitais no espaço social se manifesta no espaço físico “sob a forma de oposições espaciais” (BOURDIEU, 1997, p.160).

O ambiente construído como estrutura estruturada e como estrutura estruturante

Já foi observado que em um primeiro momento, a sociologia crítica reserva ao espaço social reificado o lugar de estrutura estruturada, determinada, essencialmente, pela distribuição de capitais. Refletida no plano simbólico, passa a funcionar como estrutura estruturante, geradora de práticas - percepção e julgamento:

“As grandes oposições sociais objetivadas no espaço físico (por exemplo, capital/província) tendem a se reproduzir nos espíritos e na linguagem sob a forma de oposições constitutivas de um princípio de visão e de divisão, isto é, enquanto categorias de percepção e de apreciação ou de estruturas mentais (parisiense/provinciano, chique/não chique, etc.)” (BOURDIEU, 1997, p. 162).

Tradução e incorporação das estruturas da ordem social

O espaço construído funciona como dispositivo facilitador da tradução de oposições objetivas em oposições subjetivas ou, mais precisamente, como “uma das mediações através das quais as estruturas sociais se convertem progressivamente em estruturas mentais e em sistemas de preferências” (BOURDIEU, 1997, p.162). Sua operação se dá pela imposição da ordem implícita nas “estruturas sociais convertidas em estruturas espaciais e assim naturalizadas” (p.162).

A experiência - prolongada e repetida - nas estruturas espaciais é o mecanismo pelo qual se dá a incorporação das estruturas sociais (BOURDIEU, 1997, p.162). Na cidade, o espaço construído conduz a experiência do cidadão em referência aos lugares centrais, isto é, aqueles reconhecidos segundo a ordem dominante, valores estabelecidos e espécies de capital privilegiados (BOURDIEU, 1997, p.162). Assim, nos exemplos que o autor oferece, os movimentos por essas estruturas e a sujeição às imposições que elas realizam, aos sentidos que elas permitem ou negam, “organizam e qualificam socialmente como ascensão ou declínio (“subir a Paris”), entrada (inclusão, cooptação e adoção) ou saída (exclusão, expulsão e excomunhão), aproximação e distanciamento em relação a um lugar central e valorizado (...) (BOURDIEU, 1997, p. 162).

Embora a distinção não seja clara, deve-se ressaltar que o espaço construído não apenas serve de referência para que, por analogia, se estabeleçam nas mentes a

correspondência entre a realidade objetiva e a ordem social. Opera, também de modo coercitivo:

“os espaços arquitetônicos, cujas injunções mudas dirigem-se diretamente ao corpo, obtendo dele, com a mesma segurança que a etiqueta das sociedades de corte, a reverência, o respeito que nasce do distanciamento ou, melhor, do estar longe, à distância respeitosa, são, sem dúvida, os componentes mais importantes, em razão de sua invisibilidade [...], da simbólica do poder e dos efeitos completamente reais do poder simbólico” (BOURDIEU, 1997, p.163).

Em síntese, o espaço social reificado pode ser tomado como uma expressão fisicamente objetivada do espaço social, no sentido de que se encontram no primeiro correspondências com as estruturas do segundo. As oposições sociais traduzidas em estruturas do espaço físico manifestam-se em termos de assimetria de condições de acesso à cidade, desequilíbrio na distribuição de capitais. A experiência nas estruturas do espaço social reificado retraduz em estruturas mentais as oposições sociais nele implícitas. Estas exprimem-se em quadros mentais de referência para a percepção, o pensamento e a ação sintonizados com a ordem dominante: divisões, assimetrias, distâncias, hierarquias correspondem às oposições sociais e, por isso, tendem a ser aceitas. Além do mais, tais oposições são reiteradas no vocabulário, indício da interiorização das estruturas, que contribui, de forma suplementar, para naturalizar o que foi socialmente construído. A experiência no ambiente construído é, assim, uma encontro com a ordem e estrutura sociais. Ela permite que o indivíduo faça equivaler as oposições no espaço físico com aquelas do espaço social. Uma e outra dimensões do continuum socioespacial se determinam e reforçam e assim validam a ordem dominante, contribuindo para a sua manutenção (NOVAIS, 2014, p.15).

3. O EXERCÍCIO DE INVESTIGAÇÃO

Concebeu-se o exercício para evidenciar a correspondência (homologia) entre a linguagem, expresso nos adjetivos empregados, e estrutura de distribuição de propriedades no espaço, objetivamente observáveis. O propósito é identificar as formas explícitas da correspondência entre as diferentes manifestações estruturais. O exercício foi aplicado a um grupo de estudantes de escola municipal em Duque de Caxias, município da periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro. Após alguns meses, realizou-se um grupo focal exploratório, com um roteiro aberto e pouco estruturado.

3.1. Das questões teóricas-metodológicas da pesquisa



Na pesquisa da qual esse texto é o primeiro resultado, buscava-se, a princípio, encontrar moradoras da periferia de Duque de Caxias, que trabalhassem na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. A questão de gênero era importante pois diaristas e empregadas domésticas, ao conviverem em espaços residenciais e reservados de famílias das áreas mais afluentes da capital do Estado, se deslocariam entre extremos opostos da hierarquia social da Metrópole: os bairros da Zona Sul (Ipanema, Leblon, Copacabana, para mencionar alguns) são considerados nobres, ricos, privilegiados, não só porque neles habitam as classes sociais, política e economicamente mais favorecidas, como também porque neles se encontram bens, serviços, equipamento urbanos e comunitários, que senão precariamente, nem sequer existem nos bairros da Baixada Fluminense (praças, parques, museus, bibliotecas e livrarias, ou pavimentação e saneamento básico).

A Zona Sul é o exemplo carioca das regiões de concentração de propriedades positivas (bens desejados disputados e acessíveis aos que disponham da composição valorizada de capital (econômico, cultural e, em alguns casos social; BOURDIEU, 1997, p.160) . Considerava-se que o estudo de experiências de deslocamentos acentuado, facilitaria a identificação das oposições estruturais, poderia trazer insights sobre processos de dominação e exploração, bem como poderia revelar desajustes entre a situação experimentada e as disposições relacionadas a um habitus deslocado.

A Escola seria o local adequado para buscar essas mulheres. No entanto, assim que a pesquisa começou (dezembro de 2017) a equipe de pesquisa foi informada de um passeio a ser feito na cidade do Rio de Janeiro por alunos com 8 e 9 anos de escolaridade. Tendo em vista a exiguidade do tempo de preparo, decidiu-se aplicar um questionário sobre as percepções e diferenças entre cidade do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias.

3.2. As “regiões” escolhidas: Duque de Caxias e Rio de Janeiro

Duque de Caxias: região com propriedades negativas

No território que hoje compreende a Baixada Fluminense existiram no século XVII “centenas de engenhos de açúcar e aguardente” e o transporte de mercadorias pelos rios: Meriti, Sarapuí, Iguaçu, Inhomirim, Estrela e Magé até a Serra do Mar, o que propiciou a criação de alguns vilarejos (2005, p. 13). Já no século XIX, além da estrada de ferro construída pelo Barão de Mauá, foi construída a Estrada de Ferro Pedro II em 1884. No século XX, como política de compensação diante do declínio da produção de café no Vale do Paraíba, o governo fomentou a produção de laranja atraindo portugueses e agricultores do norte do Estado para a Baixada Fluminense (p. 14). Contudo, a produção citricultura sofreu os impactos da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), com redução da exportação e apodrecimento dos estoques. Objetivando atenuar os prejuízos, os “Barões da Laranja” autorizaram o loteamento de seus sítios, chácaras e fazendas, para serem comercializados por empreendedores imobiliários. Nos anos subsequentes, os loteamentos atraíram grande contingente de migrantes, sobretudo de nordestinos, para trabalhar nas indústrias que se instalavam na região (OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA, 2005) .

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2016), Duque de Caxias tem uma população de 886.917 habitantes (2016), com área territorial de 467.620 km² (2016) e densidade demográfica de 1.828,51 hab/km, sendo o terceiro município mais populoso da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, depois de São Gonçalo e Rio de Janeiro. Duque de Caxias é limítrofe aos municípios de: Magé, São João de Meriti, Belford Roxo, Nova Iguaçu e Rio de Janeiro; e divide-se em 4 distritos: Duque de Caxias, Campos Elíseos, Imbariê e Xerém. Situado a 20 km do centro da cidade do Rio de Janeiro, o município de Duque de Caxias está próximo a várias rodovias como: Linha Vermelha, Linha Amarela, Rodovia Presidente Dutra, Rodovia Washington Luís e Avenida Brasil. Além de ser próximo do Aeroporto Internacional Tom Jobim.

O polo industrial de Duque de Caxias é composto por vários setores, dentre eles: gás, químico, petroquímico, metalúrgico, alimentício, mobiliário, têxtil e vestuário. Um dos polos mais conhecidos é a Refinaria de Duque de Caxias da Petrobrás (REDUC) criada em 1961 e responsável pelo crescimento econômico do município. De acordo com Camaz (2015, p. 3), a cidade tem entorno de 810 indústrias e 10 mil estabelecimentos comerciais, tendo por sua vez o sexto maior Produto Interno Bruto (PIB) do país e o segundo maior do estado do Rio de Janeiro. Contudo, apesar de ser o maior polo industrial do estado, Duque de Caxias “não experimenta ciclo virtuoso caracterizado por elevado nível de investimentos produtivos e infraestrutura dentro do município” (p. 4). Ou seja, o crescimento econômico do município, segundo Camaz, não se reflete em desenvolvimento econômico, uma vez que, a despeito do PIB expressivo, o município tem um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado do Rio de Janeiro. Isso se dá, conforme Camaz, pela escolha política do governo, da sociedade civil e de empresários na gestão de recursos (p. 10) em menosprezar as questões sociais e a necessidade de políticas públicas para o desenvolvimento humano do município.

3.3. Trabalho de campo e reflexões preliminares

O questionário

O questionário, intitulado “Exercício Sobre a Experiência Espacial” era composto de duas partes, a primeira apresentava perguntas que envolviam elaboração do aluno. A segunda consistia em um exercício de associação de adjetivos com os locais de origem (Duque de Caxias) e destino (Rio de Janeiro).

A primeira parte contava com 7 perguntas dispostas que deveriam ser respondidas em cada etapa da viagem, a saber: antes da partida de Duque de Caxias (perguntas 1, 2 e 3), depois da chegada no Rio de Janeiro (4), após o passeio no Rio de Janeiro (5), imediatamente após o retorno do passeio (6) e, a última delas (7), a ser entregue na segunda-feira, depois da viagem.

1. Descreva o bairro onde você mora, enfatizando os aspectos físicos e como são as pessoas deste espaço público;

2. Descreva o Centro da Cidade de Duque de Caxias, enfatizando os aspectos físicos e como são as pessoas deste espaço público;
3. Faça um mapa de Duque de Caxias onde aparece o Centro da Cidade, o local onde você mora e a Escola Barão do Rio Branco;
4. Descreva a mudança na paisagem na viagem de ida ao centro da Cidade do Rio de Janeiro;
5. Descreva o Centro da Cidade do Rio de Janeiro;
6. Escreva sobre a viagem de volta para Duque de Caxias;
7. Faça uma comparação entre o Rio de Janeiro e Duque de Caxias;

A segunda parte, tratava da associação de adjetivos com os lugares em tela. As palavras estavam distribuídas em 3 colunas, porém de modo que buscava distanciar os pares opostos. Solicitou-se que os alunos “identifi[cassem] as palavras abaixo com (DC) Duque de Caxias ou com o (RJ) Rio de Janeiro”:

(1) margem; (2) centro; (3) baixo; (4) fora; (5) alto; (6) dentro; (7) confortável; (8) estranho; (9) cheio; (10) vazio; (11) denso; (12) rarefeito; (13) subir; (14) descer; (15) entrar; (16) sair; (17) digno, (18) honra; (19) vulgaridade; (20) indigno; (21) palco; (22) bastidores; (23) frente; (24) fundos; (25) privado; (26) público; (27) privação; (28) abundância; (29) deslocado; (30) descolado; (31) direita; (32) esquerda; (33) trabalho; (34) ócio; (35) movimentado; (36) imobilizado; (37) espontaneidade; (38) seriedade; (39) organizado; (40) desorganizado; (41) poder; e (42) sujeição.

Não foi possível desmembrar o exercício conforme se desejava, nem houve condições para que as perguntas fossem respondidas durante ou mesmo imediatamente antes ou depois do passeio. Desse modo, os questionários respondidos foram entregues na semana seguinte.

As respostas aos questionários

Dos sete questionários recebidos, somente três foram preenchidos substancialmente. De modo geral, os estudantes afirmam que o Centro da Cidade do Rio de Janeiro é mais bonito e mais equipado do que o Centro de Duque de Caxias. Ruan Lucas afirma que o Centro do Rio “encanta”, tem prédios “deslumbrantes, sendo um lugar “diferente e diferenciado”. Já para Caio Andrade, a cidade é um lugar “incrível” com “prédios, monumentos, estátuas, pontos turísticos e muitas histórias” e as pessoas são “mais bem vestidas”, “mais educadas” e “sempre com pressa”. Quando saíram de Caxias rumo à cidade do Rio de Janeiro, Caio acentua que “tudo foi ficando mais verde”, “mais movimentado”, “tudo um pouco mais moderno”. A vista era “fantástica”, com “praias, lagos e prédios”, estes muito “industrializados” e “digitalizados”. Para o Paulo Renato, Centro do Rio de Janeiro é “muito bonito, limpo, organizado, com mais segurança” e os prédios “com mais detalhes, mais espelhados”. Sobre a mudança de paisagem, Paulo afirma que as ruas não tinham mais “buracos” e havia mais carros, ônibus e “artes nas paredes”, além de serem “mais limpas, com mais decorações, mais lixeiras, mais guardas e fiscalizações”.

As diferenças entre um local e outro são tomadas como evidentes, características originárias e que afloram dos locais. João Luiz, sugere uma relação entre aspectos artificiais e naturais de cada local: “Quando eu estava indo [, ...] vi que as ruas começaram a ficar mais limpas, sem lixo no chão, e também [...] vi que o céu estava ficando mais claro, mais limpo. [...] voltando comecei a ver carros velhos, muitas pixações nas paredes, o tempo do céu estava ficando fechado. As descrições empregam elementos dualistas, evidências de um modo de organizar o mundo social que tem por referência a ordem dominante. Assim, em geral o Rio de Janeiro se caracteriza pela urbanidade, ao passo que em Duque de Caxias “as pessoas não têm muito educação” (relato de Slania, opinião compartilhada por diversos alunos).

O Centro de Duque de Caxias, de acordo como Paulo é “mais sujo”, “com cheiro de mijo”, algumas pessoas são “sem educação”, “com cara emburrada”, além do ar ser “mais poluído”, com “água parada na calçada” e “mendigos na rua”. Paulo estende sua percepção do Centro de Duque de Caxias ao seu bairro afirmando que é um lugar “com risco de roubo”, “pouco limpo”, “os lixos jogados em tonéis abandonados”, “valões e esgoto a céu aberto”, além da maioria das pessoas serem “meio faveladas” e “sem educação”. Já para Caio, o Centro de Duque de Caxias é “um pouco mais movimentado que os outros bairros”, “tem lojas de todos dos tipos de coisa, com muitos carros e prédios”. Contudo, por ser “lotado”, é mais “perigosos” e as pessoas ficam mais “vulneráveis”. Caio afirma que seu bairro “não é tão bonito, mas também não é tão feio”, as pessoas “são até legazinhas”, mas as outras são “mal educadas e grosseiras”, e apesar dos amigos, diz que se pudesse morar em outro bairro “não pensaria duas vezes”. Para Caio, o Rio de Janeiro é “muito mais movimentado”, “muito mais organizado”, “muito mais bonito”, “muito menos perigoso”, “muito mais evoluído”, “muito mais conhecido”, “muito melhor” do que a cidade de Duque de Caxias.

No entanto, as percepções de Ruan, diferem das de Caio e Paulo. Para Ruan, apesar do bairro estar perto de áreas dominadas pelo tráfico, é um lugar “tranquilo”, onde as pessoas são “humildes”, “trabalhadeiras”, “que se esforçam” e sempre “passando bons conselhos para os jovens”. Sobre o centro de Duque de Caxias, as pessoas “às vezes sem enganam por ficar perto de áreas dominados pelo tráfico”, mas é um lugar de “pessoas de honestidade”, “que sempre querem mostrar que Caxias é um lugar bom”. O Centro de Duque de Caxias “não é tão igual assim” do centro de Rio de Janeiro, sendo ‘um lugar bom de pessoas boas e de bom astral’. Tem também pontos turísticos, como o Teatro Raul Cortez, a quadra de samba da Escola Grande Rio. Já o Centro do Rio de Janeiro tem “prédios imensos” e pontos turísticos mais frequentados, como Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Pedra da Gávea e Maracanã.

O grupo focal

Os resultados do questionário foram animadores, no entanto, devido a dificuldades diversas, tanto da equipe de pesquisadores quanto de acesso à Escola (particularmente por uma greve deflagrada devido à inadimplência da Prefeitura), somente oito meses depois da aplicação dos questionário houve a oportunidade de realizar o grupo focal com os estudantes que fizeram o passeio. Em 09 de agosto de



2018, deu-se a conversa da equipe com um grupo de oito estudantes. Interessava saber as impressões que tiveram sobre o passeio.

Para a reunião do grupo focal foi preparado um lanche e uma apresentação, intitulada “Nós e Cidade”, que contava com fotos do passeio e perguntas, dentre as quais:

1. O que vocês acharam da cidade do Rio de Janeiro?
2. Quais os pontos positivos da cidade? E os pontos negativos?
3. Quais as principais diferenças entre o Rio de Janeiro e Duque de Caxias?
4. Quais os pontos positivos de se viver em Duque de Caxias? E os pontos negativos?
5. Vocês conhecem alguém – mãe, pai, irmã, irmão, avó, avô, tio (a) primo (a), sobrinho (a), amigo (a), vizinho (a) – que more em Duque de Caxias e estude e/ou trabalha no Rio de Janeiro?
6. Vocês acham que os lugares do mundo – ruas, bairros, cidades, estados e países – são iguais entre si?

Reflexões sobre o grupo focal

O grupo focal foi realizado na parte da tarde, das 17:30 Às 18:30. Antes da chegada dos estudantes, as cadeiras foram organizadas em círculo e o lanche preparado: bolo de cenoura, pães com pastas, sucos e refrigerantes na mesa que comumente é usada pelos professores. Os estudantes chegaram aos poucos e o grupo se completou somente após 15 minutos do início programado. As primeiras estudantes demonstram-se tímidas e introvertidas, e respondiam com monossílabos e acenos de cabeça. O ambiente - não necessariamente as perguntas - podem ter causado desconforto e constrangimento: foram feitas muitas perguntas, que podem ter dado a ideia de uma espécie de inquirição professoral ou a impressão de que se queriam respostas “certas ou erradas”, “verdadeiras ou falsas”. Com chegada dos outros estudantes, criou-se ambiente de descontração e entrosamento, relevante não somente para eles, mas para os pesquisadores, que perseguiram uma abordagem mais intimista.

Deve-se ressaltar o que se percebeu de comum nos relatos dos estudantes. Todos tiveram como ponto alto do passeio a Escadaria Selarón, na Lapa. Ademais, a maioria nunca tinha visitado o Centro do Rio de Janeiro, e também não conheciam ninguém que estudasse ou trabalhasse na cidade – o que frustrava a tentativa de se estabelecerem ligações com mães trabalhassem como empregadas domésticas na cidade do Rio de Janeiro. Nenhum dos estudantes que participaram do grupo focal havia preenchido e/ou entregue o primeiro questionário, o que também inviabilizou desdobramentos acerca das respostas dadas no exercício anterior. Contudo, foram receptivos, sendo que dois deles se destacaram na conversa. Paulo e Julia, ambos com 16 anos, foram os mais extrovertidos, narrando os acontecimentos com detalhes e interpretações. Sobre Paulo não se conseguiu aferir se sua forma de se comunicar reflete-se no rendimento escolar ou em projetos de futuro. Algo, que foi identificado

com facilidade em relação à Julia, a mais articulada entre todos os colegas. Diferentemente dos outros, Julia discorreu sobre memórias, impressões primeiras e secundárias sobre o passeio, projetos de futuro e anseios e frustrações por ser a melhor aula de sua turma. Afirma que Duque de Caxias, e até mesmo o Brasil, é muito pequeno para ela, além de ter como objetivo estudar no Colégio Pedro II e cursar medicina com especialidade em neurologia. Diferenças de projetos entre os estudantes ou mesmo a ausência de projetos de vida, que instigam a pensar sobre as influências de outras dimensões como: família; escola; amizades; vizinhança; religião; esporte; mídia; e movimentos sociais.

De um modo geral, as descrições indicam que as pessoas polidas e bem vestidas ajudavam a qualificar os lugares visitados. Incorporavam “disposições distinguidas” que foram lidas pelos estudantes não como afetações, mas como distinção natural.

Uma das professoras que acompanhou a excursão observou que os alunos buscavam se portar de modo condizente aos locais visitados, evitavam gritarias em certos lugares - e inclusive repreendiam os colegas - quando consideravam inadequados certas atitudes. Sentiam-se deslocados e agiam de forma respeitosa, diante de regiões do espaço físico com acentuado acúmulo de capital simbólico que evidenciavam posições de destaque na hierarquia do espaço social.

4. CONCLUSÕES

Limites do exercício realizado

O confronto entre premissas teóricas discutida no início do texto e o material empírico com o qual se deparou serve para refletir sobre os limites do exercício realizado e da contribuição da sociologia crítica da dominação para os estudos do território.

Várias são as analogias que se pode fazer entre os exemplos empregados por Bourdieu para tratar do caso francês, e o exercício realizado com os alunos de Duque de Caxias. O estudo permite, nesse sentido reforçar a perspectiva da sociologia crítica a respeito do papel estruturante do espaço social reificado. Ao menos no que diz respeito à identificação de correspondências entre a estrutura do espaço social, a do espaço físico e o ordenamento do mundo oferecido pelo vocabulário empregado de modo intuitivo pelos estudantes que participaram do exercício.

O estudo, deve-se reconhecer, não foi capaz de avançar sobre a caixa preta que é o processo de incorporação de estruturas sociais, da tradução de oposições em outras. Como mencionado, Bourdieu sugere que o processo de socialização (a “interiorização do social”) caracteriza-se pela predisposição de as estruturas mentais se ajustarem às estruturas objetivas (2015, p.385-386). O autor também tem hipóteses, não testadas por ele próprio, sobre o peso desproporcional das experiências sociais primárias (BOURDIEU & WACQUANT, 1992, p.134). No entanto, não basta identificar a

correspondência entre diferentes manifestações estruturais, é necessário conhecer o processo de formação dos esquemas mentais (LAHIRE, 2008, p.377; 2002, p.172).

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. La noblesse d' État. Grandes écoles et esprit de corps. Paris: Minuit, 1989.
- BOURDIEU, P. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense. 1990.
- BOURDIEU, P. Physical Space, Social Space and Habitus. Rapport 10:1996. Universitetet i Oslo. 1996.
- BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996b.
- BOURDIEU, P. "Efeitos de lugar". In: BOURDIEU, P. (Coord.). A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 159-166.
- BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1998.
- BOURDIEU, P. A identidade e a representação Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1998b.
- BOURDIEU, P. Science de la science et réflexivité: Cours du Collège de France 2000-2001. Paris: Raisons d'agir, 2001b.
- BOURDIEU, P. Meditações Pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001
- BOURDIEU, P. O Senso prático. Petrópolis: vozes, 2009.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 5a ed. 2007
- BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. Estudos Avançados, 27 (79), 2013.
- BOURDIEU, P. Sociologie générale. Volume 1. Cours au Collège de France 1981-1983, Paris, Seuil, 2015.
- BOURDIEU P., WACQUANT L. An Invitation to Reflexive Sociology. Cambridge, Polity Press, 1992.
- CAMAZ, Fernando Ribeiro. Duque de Caxias-Rio de Janeiro: Contradições entre Crescimento Econômico e Desenvolvimento Social. In: Revista Brasileira de Geografia Econômica. 1/2015: Ano IV, número 7. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/espacoeconomia/2061>>. Acesso em 20 out. 2017.

- BRAZ, A. De Merity a Duque de Caxias: encontro com a história da cidade. Duque de Caxias, RJ. APPH-Clip, 2010.
- CHAUVIRÉ, C. FONTAINE O. Le vocabulaire de Bourdieu. Paris: Ellipses. 2003
- FOUCAULT M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes. 1987.
- LAHIRE B. Homem plural: os determinantes da ação. Petrópolis, Vozes. 2002.
- LAHIRE B. Esboço do programa científico de uma sociologia psicológica. Educação e Pesquisa. V.34, n.2, p.373-389, maio/ago. 2008.
- LEBARON F. Le structuralisme génétique, in BERTHELOT J-M (dir), La sociologie française contemporaine. (p.59-69). Paris: PUF, 2000
- NOVAIS, P. Urbanismo na cidade desigual: o Rio de Janeiro e os megaeventos R.B. ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS V.16, N.1, p.11-33, / MAIO 2014
- OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA. Relatório: Impunidade na Baixada Fluminense, 2005. Disponível em:<http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_jg_rj_impunidade_baixada.pdf>. Acesso 20 out. 2017.
- PINTO L. DOXA. In CATANI A, et al. Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- SAPIRO G. Le champ est-il national ? La théorie de la différenciation sociale au prisme de l'histoire globale. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. 2013/5 (nº200, p.70-85).
- SILVA, José Antônio. A cidade adormecida. *RBEUR – Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v.12, n.3, 78-91, 2018.